

Bom dia camaradas e um retrato de uma (infância em) Angola

Roberta Guimarães Franco (UFF – PG)

“infância é um antigamente que sempre volta”

Ondjaki

“los niños son las flores de la Humanidad!”

Fala do professor Ángel

A temática da infância – já trabalhada por autores como Luandino Vieira, Pepetela, Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, Manuel Rui e tantos outros – desempenha um importante papel, tanto na busca pela identidade, como na recuperação do passado, e ainda na possibilidade do desenho de um futuro, na esperança do novo. No livro *Entre Voz e Letra*, Laura Padilha atenta para o “fio temático da infância” e para os textos que colocam em contato o velho e o novo: “*Quando referenciada ao passado, a infância, via de regra, metaforiza um tempo de prazer só em parte segmentado por diferenças de classe, raça, etc. Ao plasmar-se como metáfora do futuro, ela se marca pelo dinamismo, passando a representar a confiança na reconstrução do corpo histórico fragmentado*” (PADILHA, 1995, p. 142).

Assim como Laura Padilha, Pires Laranjeira, em *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, ressalta o importante papel da temática infantil, do confronto entre o novo e o velho, tão presente na realidade dos países africanos recém independentes:

As crianças e os jovens têm sempre, na literatura prometeica, como é a de toda a África, um papel muito importante, de gazuas do futuro, simbolizando, em última instância, o triunfo do novo sobre a velha tradição e sobre a dominação colonial (LARANJEIRA, 1995, p. 128).

O jovem escritor angolano Ondjaki, hoje muito conhecido no Brasil, lançou, no ano de 2003 (pela Editorial Caminho), o livro *Bom dia camaradas*, no qual traz a representação da infância, o retorno ao antigamente como projeção do futuro, como fica claro na epígrafe do próprio autor retirada da orelha do livro. A convite de um amigo, o escritor aceitou a idéia de escrever algo sobre a história de seu país. Em entrevista à revista eletrônica *Carta Maior*, enfocando a criação de seu romance, nos diz :

Foi o desafio de um editor amigo, angolano. Ele queria um livro que falasse da minha perspectiva da independência de Angola. Eu nasci em 1977, dois anos depois da independência, e eu pensei que a minha visão sobre todo esse processo histórico era a da minha própria infância. Organizei algumas memórias, preparei alguns capítulos e comecei a escrever. Claro que tive que ficcionalizar a minha vida, e a dos outros também. Mas um livro é sempre isso. (www.cartamaior.com.br entrevista de 24/08/2006)

Assim, trabalha com dois tempos, ou seja, o tempo do vivido e o tempo do relebrado: o autor recupera o ontem no hoje. À memória pessoal do escritor se une um período da história de Angola, como Ondjaki deixa claro na própria orelha do livro: “tudo isto contado pela voz da criança que fui; tudo isto embebido na ambiência dos anos 80 (...)”. No entanto, o autor confessa (em algumas entrevistas) que seu livro possui um material muito mais afetivo do que histórico.

Ao fazer dialogar ficção e história, o romance do jovem Ondjaki relaciona-se com uma gama de romances angolanos (e não só) que, através de suas narrativas, contam, recontam e conservam a história do país, reavivando a memória do leitor para acontecimentos importantes. Estes textos literários dialogam com a história e com a memória, assumindo o papel de recuperar as várias realidades para torná-las ficção. Assim, a memória, parte integrante do processo de reviver o passado, contribui para o reforço da questão identitária. Como adverte o historiador francês Jacques Le Goff:

a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.(LE GOFF, 1996, p. 477).

Conforme Le Goff, cabe à memória o papel de preservar o passado. Assim, parte-se do que foi, para pensar o que é e o que será (mais uma vez voltamos a epígrafe de Ondjaki). Esta preservação, contudo, não deve ser entendida como privilégio dos historiadores, pois também a literatura é uma forma válida e possível de recuperar a memória do vivido e avaliar sua importância na construção da ‘identidade dos indivíduos e da coletividade’, repetindo o autor. Desta forma, é impossível não compreender a literatura como uma fonte rica e vasta para o entendimento do passado, servindo tanto como espelho como quanto reflexo desta memória.

Assim, o passado ou o antigamente volta na voz de Ndalú (nome verdadeiro de Ondjaki), o menino-narrador do romance. O tempo da história corresponde a de um ano letivo, localizado nos anos 80, deixando mais delimitado o espaço e o tempo da narrativa. Nesse ano conhecemos os amigos da escola, principais personagens recriadas pela memória. Cláudio, Murtala, Petra e Romina são os que aparecem com mais frequência na narrativa, participando de atividades escolares ou de reuniões na casa de algum deles. As crianças dividem as alegrias, os medos e as descobertas.

No entanto, o livro não trará somente relações infantis. Algumas personagens adultas mantêm o antigo elo entre o velho e o novo, transformando o romance em um texto iniciático, ou ainda em um texto de formação. A principal personagem adulta do romance é representada pela figura do camarada António, empregado da família de Ndalú, com quem o menino sempre terá um forte diálogo:

Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre? (...)

- Menino, no tempo do branco isto não era assim...

Depois, sorria. Eu mesmo queria era entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais. Mas o camarada António gostava dessa frase dele a favor dos portugueses, e sorria assim tipo mistério. (ONDJAKI, 2003, p. 13)

O camarada António é a ponte de ligação entre o presente independente de Angola e o seu passado colonial. Através das falas de António, Ndalú aprenderá sobre o passado de seu país, além de uma posição contrária a da euforia da recente independência, já que António parece sentir certa saudade do tempo do colonizador e não confiar tanto na política atual. Os diálogos com António marcarão toda a narrativa, dando ao final do romance uma idéia de ciclo completo. O Camarada António é o grande iniciador do menino Ndalú. Assim, é no espaço da casa que António participará da formação do menino, caracterizando o espaço como um espaço da oralidade, já que todo o processo iniciático se dá através das falas de António.

Aparecem também, com bastante relevância, os professores cubanos, em especial o professor Ángel. Mais do que presenças adultas numa narrativa na qual um menino relata os fatos, os professores cubanos representam uma característica política da época: o apoio dado por Cuba, que enviou militares para Angola para atuarem nas áreas da segurança nacional, da medicina e da educação. Os cubanos também representam a força que vem de fora, depois de um longo período de rejeição do outro, no caso o português. As falas do camarada Ángel dão o tom de disciplina e resistência, deixando claro que, para formar bem um país, até mesmo os pequenos devem refletir sobre seus atos. A sua presença também coloca em evidência o importante papel desempenhado pela escola (o espaço das letras) nesse contexto, como um espaço de resistência e de formação do indivíduo: *No quiero que se queden con esa cara... están pálidos de miedo! Miren, la escuela también es un sitio de resistencia...* (ONDJAKI, 2003, p. 68). Ou ainda: *“num país em reconstrução era preciso muita disciplina. Ele também falou do camarada Che Guevara, falou da disciplina e que nós tínhamos que nos portar bem para que as coisas funcionassem bem no nosso país”*. (ONDJAKI, 2003, p. 17).

Ainda dentre os adultos encontramos a personagem tia Dada, a tia do menino Ndalú que vive em Portugal. Os diálogos entre os dois são repletos de ternura, amadurecimento e, principalmente, de uma ingenuidade, que esconde a ironia do autor. É com tia Dada que o menino descobre a diferença do outro, mais do que a diferença entre o passado e o presente, discutida com o camarada António, e mais do que o estranhamento da língua dos professores cubanos. É significativa a cena que descreve o diálogo entre tia Dada e Ndalú sobre os cartões de abastecimento – cartões utilizados pelo regime socialista para o controle da quantidade de alimentos comprados por cada família – quando Ndalú percebe que esta prática não existia em Portugal:

- Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão.

- Sem cartão? E como é que controlam as pessoas? Como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levas? – eu já nem lhe deixava responder.

- Como é que eles sabem que tu não levaste peixe a mais?

- Mas eu faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos... (ONDJAKI, 2003, p. 47)

A troca entre a tia Dada e Ndalú reaviva a relação entre o velho e o novo. Com ela Ndalú aprende a olhar o seu país com outros olhos, a ironia disfarçada de ingenuidade questiona. Ao entrar em contato com o outro, o menino deixa a pura observação e passa a buscar um entendimento. Assim, Ndalú tenta entender porque os cartões de abastecimento são necessários, o porquê da existência de uma praia dos

soviéticos e os cuidados que cercam o camarada presidente, ao mesmo tempo em que a narrativa fornece informações históricas sobre o período.

Antes do contato com a tia e das reflexões despertadas pelo encontro, Ndalú ainda se aborrecia com a intensa presença dos assuntos políticos na vida cotidiana, irritação comum a qualquer criança. As notícias que chegavam através do rádio, e interrompiam qualquer conversa, foram utilizadas pelo autor como um boletim dentro do próprio texto, uma forma de dar conta dos fatos históricos no decorrer do romance. Assim como a presença do camarada António, as notícias radiofônicas fecham um ciclo na narrativa, um ciclo pessoal de amadurecimento do menino Ndalú e um ciclo histórico das transformações políticas do país:

Nós ficávamos um bocado aborrecidos com as notícias, porque era sempre a mesma coisa: primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferentes quase nunca, só se tivesse havido alguma batalha mais importantes, ou a UNITA tivesse partido uns postes. (...) eu fiquei a saber que havia um país chamado África do Sul onde as pessoas negras tinham que ir para casa quando tocava a campainha às seis da tarde (...) Foi também assim que percebi porquê que os sul-africanos eram nossos inimigos, e que o facto de nós lutarmos contra os sul-africanos significava que nós estávamos a lutar contra “alguns” sul-africanos, porque de certeza que essas pessoas negras que tinham um machimbombo especial para elas não era nossas inimigas. Então também percebi que, num país, uma coisa é o governo, outra coisa é o povo. (ONDJAKI, 2003, p. 26)

Num primeiro momento as notícias dão conta da distante solução para os conflitos em Angola, das tentativas da África do Sul de invadir o território angolano e da dura política do *apartheid* aplicada naquele país. Apesar do inicial aborrecimento sentido por Ndalú, através das notícias ele consegue chegar a algumas conclusões. Já no fim do romance, as notícias que chegam através do rádio falam do fim da guerra e de uma futura eleição. Sabemos, no entanto, que a guerra não acabou nesse momento e, de certo modo, a indagação de Ndalú mostra a impossibilidade de paz:

Quando ligamos o rádio é que percebi: afinal estavam a dizer que a guerra tinha acabado, que o camarada presidente ia se encontrar com o Savimbi, que já não íamos ter o monopartidarismo e até estavam a falar de eleições. Eu ainda quis perguntar mas como é que vão fazer eleições, se em Angola só há um partido e um presidente..., mas mandaram-me calar para ouvir o resto das notícias. (ONDJAKI, 2003, p. 134).

Nestes trechos evidencia-se a importância do papel social do escritor. Através do texto, Ondjaki retoma momentos cruciais da história de Angola, além de reavivar a memória do leitor para acontecimentos que não devem se repetir, como o *apartheid*. Segundo Nicolau Sevckenko (2003) a literatura é, antes de mais nada, um produto artístico, porém com raízes no âmbito social. Nesse sentido, pode falar ao historiador sobre a História que não ocorreu, sobre possibilidades que não aconteceram, planos que não foram concretizados. Mais do que um testemunho, ela revelará momentos de tensão. Assim, com o crescimento de Ndalú, o romance continuará até a última página contribuindo para a escrita da história de Angola.

O amadurecimento de Ndalú é gradativo. Nos trechos que a princípio parecem inocentes conversas de crianças, como a velha história de que os meninos não gostam de tomar banho, se transformam em dados históricos e em críticas sociais. Luanda não sofreu diretamente com a guerra civil, a capital não foi o palco central das batalhas (que ocorriam no interior do país), no entanto sofreu os “efeitos colaterais” de uma guerra: a falta de alguns alimentos, de luz e de água. Então, Ndalú passa a observar os problemas causados pela guerra. O menino agora olha o seu entorno e pensa nos problemas que atingem o coletivo:

As minhas irmãs dizem que os rapazes são sempre assim, não gostam de tomar banho, mas eu tenho uma colega que só toma banho uma vez por semana, isso também é porque na casa dela a água só vem uma vez por semana, então eles enchem a banheira e depois têm que poupar a água durante a semana toda. (ONDJAKI, 2003, p. 61)

A guerra causa muito mais do que danos materiais, a falta de perspectiva para o fim dos confrontos supera qualquer outra falta, a espera de uma possível solução altera a vida de todos. O cotidiano infantil é completamente distorcido, os assuntos que deveriam fazer parte somente da vida adulta estão em toda parte. Os trabalhos escolares são grande prova dos distúrbios causados por um estado de caos (seja ele uma guerra em Angola ou no atual Rio de Janeiro), o imaginário infantil fica povoado por conflitos:

Guerra também aparecia sempre nas redacções, experimenta só mandar um aluno fazer uma redacção livre para ver se ele num vai falar da guerra (...). Guerra vinha nos desenhos (as akás, os canhões monacaxito), vinha nas conversas (tou ta dizer, é verdade...), vinhas nas pinturas na parede (os desenhos no hospital militar), vinha nas estigas (teu tio foi na UNITA combater, depois voltou, tava a reclamar lá tinha bué de piolho...), vinha nos anúncios da tv (ó Reagan, tira a mão de Angola...!), e até vinha nos sonhos (dispara Murtala, dispara porral). (ONDJAKI, 2003, p. 129)

Apesar de todos os dados históricos contidos no romance, Ondjaki coloca em destaque a inocência de Ndalú, que, no entanto, “vê as coisas de modo certo”. O autor afirma que apostou “mais nas verdades bonitas, em torno da ternura, que nas verdades que fossem buscar dores” (O Estado de São Paulo, entrevista de 13/08/2006). Assim, *Bom dia Camaradas* é sim um livro de ternuras, mas é também marcado pelas despedidas, que de certa forma estavam ligadas à guerra. O ano letivo acaba, alguns amigos se vão. Com o possível fim da guerra os professores retornam a Cuba. E o camarada António deixa mais do que um espaço vazio na cozinha, deixa saudades.

(Entregue para publicação em Março/2007,
Aprovado em Abril/2007)

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. *Estórias de Angola: fios de aprendizagem em malhas de ficção*. Niterói: EDUFF, 2002.
- CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra - o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.
- RUI, Manuel. *Quem me dera ser onda*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Arnaldo. *Prosas*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.
- VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância: estórias*. Lisboa: Edições 70, 1977.